

APRESENTAÇÃO

Negritudes amazônidas: ressonância de uma cultura milenar

*Um sorriso negro, um abraço negro
Traz felicidade...
Negro é a raiz de liberdade
(Fundo de Quintal)*

A Amazônia abriga realidades diversas, complexas e encantadoras, imiscuída a estas realidades, a presença africana, por um longo tempo, foi compreendida a partir “da calha da mestiçagem e hibridação” (SALLES, 2005, p. 93), ao insistirem tantos teóricos sobre a ideia de ser incipiente a presença do negro no Pará. Contudo, embaixo do sol escaldante que afogueia o Norte do Brasil, banhado ou mesmo inundado pelas águas amazônicas, a voz ancestral faz ecoar: ressonâncias de uma cultura milenar. E os negros africanos, outrora escravizados, sorriem nos rostos amazônidas, na face de seus descendentes, hoje brasileiros, afro amazônidas.

No contexto das miscelâneas étnicas, o presente número da Revista Sentidos da Cultura nos convida a refletir sobre a Voz afro, memória viva e pulsante em tantos rostos e manifestações na Amazônia e fora dela. Assim, tão diversa, quanto este “torrão” que nos abriga e flui em “identidades” que nos formam, este número da Sentidos se pretende também diverso e plural, com artigos de distintas áreas do conhecimento: arte, letras, religião, antropologia, educação. Produções sensíveis e profundas pelas quais somos “mundiados” a pensar estas dimensões que dizem de nós por nós mesmos, em um território fluído, girante, dinâmico, em grandezas humanas e geográficas que nos desafiam a conceituá-las.

Assim, **literatura e fotografia** abrem este volume, "pele / cabelos / seios / ventre / ancas / beijos / rosto / olhos / braços / coxas / pés / mãos / quartos / nuca / dedos / boca / peitos". Como a leitura das obras do poeta **Bruno de Menezes** e da fotógrafa **Naiara Jinknss** produzem, a partir de uma corpo-escritura afro-amazônica, a contra-rasura da imagem distorcida e embranquecida do corpo negro africano na Amazônia.

Em seguida, **ensino de língua materna e literatura**. Uma experiência inicial em sala de aula com os “**Contos Amazônicos**” do escritor **Inglês de Sousa** (2012), em sua linguagem: “amazonidades” pertinentes aos falantes/habitantes do amplo e plural mundo amazônico.

No próximo texto: “Quem quer? quem quer?” clama a voz dos narradores. Quem seriam os herdeiros dos encantados, mitopoética amazônica a compor experiências históricas, afetivas, sociais e políticas? As **narrativas** do território **Quilombola de Jambuaçu** chegam até nós e testemunham saberes cosmogônicos, fundantes e ancestrais.

A seguir, em meio a encantos e tradições a **identidade quilombola** é questionada. Nesses tempos de mundo globalizado e conectado à internet a **Casa Familiar Rural**, instituição de ensino localizada dentro de um território quilombola funciona como mantenedora da identidade dos jovens daquele local. Interferências, paradigmas e indagações movimentam um complexo processo educativo.

Canta **Mestre Geni** suas toadas de **boi** que animam a cidade enquanto a brincadeira se organiza no terreiro. As linhas do quarto artigo desta edição desfilam as memórias do mestre, algumas repassadas por meio da música: *Vou cantar pro boi bumbá, um bailão e um carimbó, vou no clarão da lua e volto no raiá do só*. E, assim, as vivências de um mestre de cultura popular no interior da Amazônia, no município de **Moju**, são poesia, resistência, tradição viva de sua gente...

E nesse universo de festa, cor e beleza, a fé vem junto! E assim chegamos ao artigo que nos traz os “**Surrupiras**” seres encantados do **universo afro religioso amazônico**, muito sérios ou temidos; em um contexto **afro-diaspórico** estudar os encantados é mergulhar nos mistérios do imaginário que ronda a floresta.

Dando sequência, o próximo texto apresenta a **festa dos santos católicos São Pedro e São Paulo**, na periferia da capital paraense, a ganhar contornos outros ao confluir com a festividade de um **Terreiro de Tambor de Mina**, culto afro brasileiro. Assim, temos a manifestação da fé, em um jogo sincrético, mas também, de demonstração identitária de lutas e resistências.

E assim, **saberes culturais herança da presença africana** em terras amazônicas estão vivos na religiosidade, no imaginário, nas histórias que o povo conta como os tesouros de um **pote de ouro emborcado no município de Bujaru**. As **narrativas** presentes no oitavo artigo deste volume, como “selos” da memória, denotam um sentido de saber comunitário e identitário.

O **princípio educativo constituído** pela **voz afro** permanece emanando sua força, e desagua no próximo texto, em **Marajó**, em ressonâncias de oralidades femininas que educam

o menino e formam o homem. Vozes de **mulheres** perfazem e constituem o tecido da vida que se imbrica e destreça nas linhas escritas.

O penúltimo artigo deste volume mergulha fundo na reflexão sobre o que é **ser negro ou negra na (s) Amazônia (s)**? E busca nos **crucos** epistemológicos **afrocentrados** respostas ou pistas para tal indagação. E assim, tensiona os estudos a esse respeito e, longe de trazer “respostas prontas e acabadas”, provoca ao nos fazer pensar em como se atualiza “o ser africano amazônida”.

Por fim, chegamos ao último texto, na sessão relatos de experiências, a presença da poeta **Olga Savary** desagua em sensibilidade, saudade, afeto, poesia. A alegria, o amor, a vida pulsante em versos caudalosos como as correntezas dos rios no inverno amazônico “*água, bicho sem pelo/ onde poder agarrar*”.

Assim, gratos a todos que contribuíram com este número da Sentidos da Cultura, desejamos que a força poética afro, presente em cada um dos textos aqui, nos desperte a beleza de um sorriso negro! Provoque a voz a alhures dormente ou faiscante em nós, formados que somos pela herança africana.

Boa leitura!

Monise Saldanha

Mailson Soares